

ESTADO E NAÇÃO NO PENHASCO DA "DESTRUIÇÃO CRIATIVA"? | POR HERMANN PLOPPA

Posted on 21. Juli 2020

Um comentário de Hermann Ploppa.

Ouvimos repetidamente nos principais meios de comunicação social que devemos ter cuidado com o "nacionalismo". Nacionalismo é um termo pornográfico muito mau, onde temos de retrain os nossos sensores e tentáculos imediatamente e só podemos murmurar: "Apage Satanás!" Para o fazer, porém, é necessário que atiremos imediatamente ao mar, incondicionalmente e sem consideração, todos os conhecimentos históricos básicos.

Primeiro que tudo: Nação e estado são termos neutros. Per se não mais malicioso do que a água: é claro que se pode saciar a sede com água. Mas também se pode afogar nele. Por outras palavras: na época de Martinho Lutero não havia nenhum Estado-nação. O seu regente, o Imperador Carlos Quinto, teve de mexer no seu imenso império durante todo o ano para manter os príncipes regionais satisfeitos com os presentes. Apenas Luís XIV de França conseguiu subjugar os príncipes e integrá-los num aparelho de estado sólido, para que Luís pudesse dizer "O Estado sou eu! Os príncipes que agora estavam subordinados tiveram a honra de apresentar o rei com as suas meias e saias pela manhã quando as vestiam. Mas já o neto Luís XVI perdeu a cabeça na guilhotina da Revolução Francesa. Pois entretanto os cidadãos tinham-se tornado tão fortes que assumiram o Estado. O facto de teoricamente todas as pessoas pertencerem agora ao Estado-nação era uma motivação tremenda. E assim o revolucionário Exército Popular conseguiu infligir uma amarga derrota aos exércitos mercenários feudais dos países vizinhos em avanço. Napoleão virou a roda para trás, fazendo-se mesmo imperador. Mas ele criou o Código Napoleónico. O primeiro código civil. Isto substituiu a arbitrariedade feudal por relações jurídicas claramente definidas. Quando Napoleão anexou os territórios alemães na margem esquerda do Reno, o Código Napoleão também foi aí introduzido. Quando Napoleão foi mais tarde expulso e o feudalismo foi reintroduzido, os alemães da margem esquerda do Reno encontravam-se na mesma situação em que nos encontramos hoje: não queriam voltar ao despotismo. E tal como hoje combinamos as nossas demonstrações de higiene com o máximo de prazer possível, também os nossos antepassados se articularam no Festival de Hambach em 1830. Eles queriam ter o seu Estado de direito de volta, sem ao mesmo tempo estarem sob o domínio estrangeiro francês. As suas exigências: Democracia, liberdade de expressão, de reunião e de movimento. E, além disso, a independência nacional. Mas isto não significava de modo algum que quisessem elevar-se acima de outros povos e nações como uma nação alemã vindoura. Pelo contrário. Convidados da Polónia, França e outros países participaram e expressaram as suas exigências de liberdade e do Estado de direito. Uma foi a Inter-Nacional. Mas tal como nós hoje, com o nosso movimento democrático e

constitucional, os nossos antepassados tiveram muito trabalho e stress pelas suas exigências. Mas, a longo prazo, obtiveram pouco a pouco o que pediram. A água constante esvazia a pedra.

Depois, porém, uma enorme dissonância ficou para a história. Para Bismarck forçou a unificação nacional da Alemanha. com sangue e ferro. Na sua chamada "pequena solução alemã", a Áustria foi expulsa. Na Guerra Franco-Prussiana muitos milhares de soldados e civis de ambos os lados morreram. Depois, Bismarck chuloou as tropas francesas derrotadas para que pudessem massacrar a população de Paris, porque os cidadãos de Paris queriam tomar nas suas próprias mãos os seus assuntos municipais. Este foi o defeito de nascença da fundação tardia do Estado-nação alemão: nomeadamente, que se baseava numa demarcação arbitrária de fronteiras e surgiu através de uma guerra criminosa contra a França. Bismarck estabeleceu uma coligação de grandes empresários industriais e grandes proprietários de terras da Albânia Oriental, os chamados "Krautjunkers", que dominavam o resto da população. Mas uma coligação do movimento operário, das classes médias educadas e do ensino social cristão tornou-se cada vez mais forte. Quando Bismarck quis iniciar uma brutal guerra de classes a partir de cima, o jovem Kaiser Wilhelm II teve a coragem de rejeitar o ícone Bismarck sem aviso prévio em 1890. Assim, um império alemão afirmou-se como uma monarquia constitucional. Os de direita na Alemanha consideravam o seu sistema estatal como uma continuação do primeiro império alemão. Os liberais e os social-democratas consideravam-se como cidadãos de uma nação na tradição mais recente do Festival de Hambach e da Revolução de 1848. Nação era o conceito de esquerda política na Alemanha.

A direita política na Alemanha lutou com veemência contra o conceito de nação e defendeu o conceito de império. Adolf Hitler, contudo, tinha a missão de combater a esquerda na Alemanha, combinando os dois termos de esquerda "socialismo" e "nacionalismo", incluindo a bandeira vermelha. Assim, ambos os termos foram também desacreditados massivamente após a Segunda Guerra Mundial. Na chamada teoria do totalitarismo, os sábios desenhavam os factos sobre o leito de espreguiçadeira dizendo: socialismo e fascismo (ou nacional-socialismo) são a mesma coisa. No início, o socialismo era um nojo. Ao longo dos anos, e mais recentemente, cada vez mais, a nação é agora a priori yuck, por assim dizer. Com este disparate, está a ser seguida uma estratégia pífida.

É impressionante, a princípio, que todos os Estados do mundo devam renunciar ao seu estatuto de nações a longo prazo - excepto uma nação: nomeadamente os Estados Unidos da América. Esta mesma nação, mais ou menos bem sucedida na tentativa de soldar os mais diversos imigrantes, invoca o seu patriotismo com uma ferocidade e artificialidade que nos parece estranha. Até os estudantes têm de jurar pela bandeira dos EUA. Enquanto a coesão social nos EUA está a diminuir

cada dia mais e mais, as manifestações patrióticas na terra das oportunidades ilimitadas estão a tornar-se cada vez mais estridentes.

Ao mesmo tempo, os serviços secretos americanos, juntamente com fundações "filantrópicas" americanas, perturbaram artificialmente a coesão nacional noutros países em todo o mundo através das suas manobras de mudança de regime. Uma e outra vez, países como Cuba, Nicarágua, Indonésia, Venezuela, Congo, para citar apenas alguns exemplos, querem seguir o seu próprio caminho de desenvolvimento. E, uma e outra vez, tais tentativas de articulação nacional são sangrentamente paralisadas a partir do exterior. O sociólogo Josef Schumpeter cunhou uma vez o termo Destruição Criativa para este processo: sistemas existentes intactos são deliberadamente destruídos sem necessidade interior para depois serem incorporados num outro sistema e subordinados. No sistema global do capitalismo americano, os fragmentos destruídos dos Estados-nação são apenas órgãos decapitados do grande aparelho imperial.

E se olhar mais de perto para os vários estados nacionais, verá que eles perseguem filosofias muito diferentes. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América colocam a liberdade do indivíduo e a busca da felicidade em primeiro plano. Estas nações consideram irrelevante a questão de como pessoas com diferentes condições prévias podem alcançar todos estes objectivos. Todos têm de ver isto com os seus próprios olhos. E aqueles que permanecem no chão e são excluídos, acabam de ter má sorte. Isso mostra que ele não é digno das bênçãos da sociedade. A filosofia estatal da Alemanha, Suíça, Áustria ou dos países escandinavos diz algo claramente diferente: para dar a todos os cidadãos de uma nação pelo menos em certa medida as mesmas oportunidades de participar na vida social, os fracos devem ser apoiados pela comunidade. É por isso que a economia não deve simplesmente aparar os fracos. As economias orientadas para o lucro que acumulam dinheiro e poder só devem desabafar onde os seus bulldozers não causem demasiados danos. Todas as actividades económicas sensíveis para a Comunidade devem necessariamente ser realizadas por organismos públicos ou cooperativas. Ou por pequenas e médias empresas comerciais, que recebem um apoio maciço das caixas económicas municipais ou Landesbanken. Economia por pessoas para pessoas. Isto tem funcionado maravilhosamente durante muito tempo e tem-nos dado a todos uma infância e juventude despreocupadas.

Contudo, já no final da década de 1930, a corrente de radicalismo do mercado, também incorrectamente chamada "neo-liberalismo", começou a formar-se nos EUA. O seu mestre Friedrich von Hayek ensinou aos seus discípulos que o Estado e a nação são maus e deveriam ser abolidos. Que só a economia privada desencadeada pelas corporações e cartéis pode criar riqueza. E ele

previu que seriam necessárias quatro gerações para levar o radicalismo do mercado ao poder total. Assim, no trabalho subversivo de pacientes através de redes discretas e equipas de corda, as sociedades de solidariedade da Europa Central estavam desgastadas.

Entretanto, os discípulos de Hayek sentam-se na política, nos negócios, na ciência e nos meios de comunicação social e vêem a destruição do Estado e da nação como o único caminho para a salvação. Organizações supranacionais sem qualquer legitimação democrática comandam agora o que os Estados-nação têm de fazer ou não fazer. A OTAN desrespeita os mandamentos constitucionais de pacificação. As exigências radicais do mercado da União Europeia estão a violar a legislação nacional. A UE ordena aos Estados que abandonem o seu princípio de solidariedade e que operem instituições de direito público como empresas económicas auto-suficientes e depois concorram uns contra os outros em concorrência impiedosa. Os hospitais estão a ser destruídos em filas porque a UE estabelece regras injustas que a longo prazo só dão aos grandes hospitais privatizados uma hipótese de sobrevivência. A taxa fixa por caso impede o tratamento adequado dos pacientes que necessitam de ajuda com maior urgência. Estão a perder-se hospitais administráveis de pequena e média dimensão. Os cuidados hospitalares desaparecem da área. Isto já teve um efeito literalmente fatal sobre o regime da Corona.

E assim é em todas as áreas onde anteriormente era garantido um cuidado exemplar. Com os seus regulamentos de Basileia III, o Banco de Pagamentos Internacionais garantiu que não só os bancos privados estão sujeitos a uma obrigação embaraçosa de documentação. O que é bastante apropriado tendo em conta as práticas duvidosas de alguns bancos privados é também aplicado aos bancos cooperativos, que nunca foram culpados de nada. Consequência: os bancos cooperativos têm de fechar muitas agências devido à sobrecarga burocrática. Mas isso foi apenas o encanto dos Raiffeisen e Volksbanks: que eles são representados por uma sucursal em pelo menos cada município central e que os seus empregados estão lá para as pessoas no local. Uma perda de qualidade de vida para as pessoas lá fora no país, se isso desaparecesse.

Compreende agora porque é que os radicais do mercado, em particular, gostam de condenar as peculiaridades nacionais com unhas e dentes? Somos forçados do exterior a adoptar uma filosofia completamente estrangeira de maximização do lucro não-solidário, cuja introdução não fomos informados nem pedimos a nossa aprovação. Fatia por fatia, estamos a ser forçados a aceitar expropriações e incapacitações, às quais nos devemos opor maciçamente. É para o bem de todos nós. O sofrimento infligido a nós por este golpe silencioso dos radicais do mercado deve chegar ao fim. Insistimos na nossa filosofia de solidariedade e não nos importamos se alguns claqueurs pagos

nos marcam como "nacionalistas" por causa disso. Iremos reabilitar o nosso modo de vida. E se o polvo antidemocrático da UE quiser continuar a dar-nos regras para destruir as nossas estruturas de solidariedade, devemos considerar seriamente a retirada da Alemanha da UE, um dexit.

Um mundo tão pacificado e socialmente justo que já não precisamos de quaisquer restrições por parte dos Estados-nação e fronteiras é certamente desejável. Mas isto deve ser conseguido através do voto livre de todas as pessoas. Mas de momento, infelizmente, estamos muito, muito longe de tais opções. Devemos primeiro exigir a nossa autodeterminação e acabar com a "destruição criativa" do turbo-capitalismo, que se disfarçou de frases tão nebulosas como irrealistas, tais como "Sem Fronteira, Sem Nação".

O globalismo dos super-ricos quer realmente explorar o mal do património nacional para os seus próprios fins: a competição dos Estados uns contra os outros para obter condições óptimas de investimento. E na última consequência o militarismo, como hipoteca principal de Bismarck. Os bons elementos do património nacional, por outro lado, devem ser destruídos: o nosso sistema de segurança social e a consideração pelos mais fracos. Democracia e tolerância. Sim, democracia e tolerância. O regime Corona, cada vez mais invasivo, está a destruir a autodeterminação dos cidadãos perante os nossos próprios olhos. Mais uma vez, devemos abdicar dos nossos direitos básicos por um inimigo invisível. Num acto de destruição criativa, as regras da nossa coexistência civil são descartadas no monte de lixo da história. Estamos em mutação para um órgão decapitado de um mundo globalizado extremamente sintético.

Temos de cavar bem fundo para afirmar o nosso direito a uma vida auto-determinada contra uma turma de traficantes de poder extremamente loucos.

Sim, há uma vida antes da morte. Só temos de o querer.

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: Shutterstock / shutterstv

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:
<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK